

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS – REDAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A ENUNCIAÇÃO DE DICAS DE PORTUGUÊS NO FACEBOOK:
ENTRE REGRAS E PRECONCEITO**

Angélica Noronha de Sá

Pelotas, 2014.

Angélica Noronha de Sá

**A ENUNCIAÇÃO DE DICAS DE PORTUGUÊS NO FACEBOOK:
ENTRE REGRAS E PRECONCEITO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras: Redação e Revisão de Textos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli

Pelotas, 2014.

Angélica Noronha de Sá

A Enunciação de Dicas de Português no Facebook:
entre Regras e Preconceito

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Letras: Redação e Revisão de Textos, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 13/02/2014

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli, (orientadora). Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Prof. Dr. Paulo Ricardo da Silveira Borges. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por ter me dado a vida e pela benção de ter a oportunidade de ter chegado até aqui.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e não me deixaram desistir nunca de concluir mais essa etapa de minha vida.

À minha irmã, que sempre me compreendeu e sempre me apoiou em todas as decisões que tomei.

Ao meu namorado Edvilson, que, com muita calma e paciência, esteve sempre ao meu lado, independentemente da situação, nos momentos de bons e ruins.

Aos professores que são os responsáveis por tudo aquilo que aprendi até aqui, que me ensinaram tudo aquilo que era necessário aprender para concluir essa caminhada com responsabilidade, competência e carinho pelo meu trabalho.

À professora Cleide Inês Wittke, que sempre lutou e ainda luta pela melhoria e reconhecimento do nosso curso, que está sempre preocupada todos os seus alunos e que conhece cada um de nós.

À minha orientadora Karina Giacomelli, que aceitou me orientar permitindo, assim, que eu chegassem até aqui. Sempre muito calma e compreensiva, era quem me deixava tranquila em relação ao trabalho que eu estava desenvolvendo.

Aos colegas de curso que sempre estiveram ao meu lado, ajudando quando necessário, sempre unidos, nas horas fáceis e difíceis também.

A todas as pessoas que estiveram ao meu lado, acompanhando cada passo dado, me compreendendo e acreditando em mim.

Muito obrigada.

Resumo:

SÁ, Angélica Noronha de. **A enunciação de dicas de português no facebook: entre regras e preconceito.** 2014.54f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Graduação em Bacharelado em Letras: Redação e Revisão de Textos. Universidade Federal de Pelotas.

A internet é um dos meios de comunicação e interação mais utilizados hoje em dia e, dentre tantas possibilidades, o *facebook* é uma das páginas do ciberespaço mais acessadas. Em meio a tantas informações que a rede social apresenta, existem páginas destinadas a dar dicas de português. O objetivo deste trabalho é, então, verificar o que repassa uma dessas comunidades e qual é a posição enunciativa da mesma frente ao uso da língua. Baseado na teoria da enunciação de Benveniste, em noções de gramática e preconceito linguístico, contatou-se, neste trabalho, que, ao mesmo tempo em que a comunidade se coloca como educadora e explicativa, também possui um lado em que se mostra rígida quanto aos desvios da língua padrão.

Palavras-chave: enunciação, sujeito, língua portuguesa.

Abstract

SA, Angélica Noronha. The **enunciation on facebook: between rules and prejudice**. 2014.54f. Completion of course work (TCC). Undergraduate Bachelor of Arts: Writing and Proofreading. Federal University of Pelotas.

The internet is a means of communication and interaction more used nowadays and, among many possibilities, facebook is one of the most accessed pages on the cyberspace. Amid so much information that social networking features, there are pages designed to give tips Portuguese. The objective of this work is then check out what passes one of these communities and what is the stated position of the same against the use of language. Based on the theory of enunciation Benveniste, on notions of grammar and linguistic bias, if contacted, in this work, at the same time that the community stands as an educator and explanatory, also has a side that shows rigid as to deviations from the standard language.

Keywords : enunciation, guy, portuguese.

Sumário

1	Introdução	8
2	Internet.....	11
3	Norma e preconceito	13
4	A enunciação	19
5	Análise	24
6	Conclusão	39
	Referências	42
	Anexos.....	44

1 Introdução

A internet atualmente é, sem dúvida, um dos meios de mais rápida e fácil comunicação. Por meio dela, é possível não somente adquirir conhecimento e aprender diversas coisas novas como também é um caminho pelo qual seus usuários conhecem e interagem com pessoas do mundo todo. Talvez, seja esse o maior atrativo desse mundo virtual hoje em dia.

O que tem atraído os internautas (assim são chamados os usuários da internet) e têm lhes tomado muito tempo à frente do computador, não é somente a facilidade e a necessidade de conhecimento e de aprendizagem rápida e sim a facilidade de interação com pessoas de todas as partes do mundo. Esse fator não se constitui numa novidade, pois se sabe que a internet surgiu justamente para facilitar a comunicação entre os seres humanos e também expandir a busca por novos conhecimentos.

No entanto, com toda a facilidade de manuseio da internet e a grande troca de informações, sejam elas através da busca por conhecimento e informações sejam nas relações interpessoais via redes sociais ou e-mail, houve também a necessidade de se adaptar a esse mundo de conhecimentos rápidos e precisos. Por isso, agilidade e rapidez nas trocas de informações se fizeram necessárias.

A velocidade na troca de informações não é um processo simples a ser empregado. Essa maneira rápida e prática de trocar informações tornam a escrita no mundo virtual menos rígida. Assim, os rigores da gramática formal são, muitas vezes, deixados de lado, e toda essa literalidade com as normas da escrita é, por vezes, descuidada, pois a preocupação com a maneira correta de escrever não é essencial.

A partir do pressuposto de que as pessoas utilizam a internet para se comunicar, constata-se que elas passam a escrever mais e, consequentemente, começam a ler mais também. Por conta disso, passaram a usar mais a língua escrita convivendo com diversos níveis de escrita, desde a utilização do padrão até um modelo muito próximo da oralidade, contendo os mais variados desvios gramaticais.

Esse “confronto” entre diferentes usos da escrita fez com que a preocupação com a correção surgisse na internet (e mesmo fora dela, em discurso sobre como as pessoas escrevem). Na rede social *Facebook*, por exemplo, muitas comunidades

foram e são criadas ironizando os erros cometidos por seus próprios usuários, apontando a falta de preparo na escrita e seus erros, ou seja, o não conhecimento da norma padrão.

Mas, ao mesmo tempo em que são feitas ironias e acerca dos erros alheios, também se tem notado comunidades que são criadas para sanar as dúvidas mais frequentes e corriqueiras a respeito da língua portuguesa. Essas comunidades buscam auxiliar o uso correto do português utilizado na escrita, apresentando regras gramaticais e mostrando os erros mais frequentes cometidos pelos usuários da língua, a fim de esclarecer a forma correta.

No entanto, tais comunidades também se preocupam em mostrar o uso oral da língua. Configura-se, então, o segundo ponto a ser tratado por esse trabalho – a confusão entre regras de escrita e de oralidade. Norma padrão e norma culta, como se verá adiante, não são a mesma coisa. Aquilo que é norma para a escrita pode não ser para a fala.

Ligada a isso, está a questão do preconceito. Quando se procura atentar ao padrão normativo de uma língua, é tendência relegarem-se os demais registros a exemplos de “mau uso da língua”, “assim não é o certo”, “nunca fazer assim”, entre outros exemplos do caráter pejorativo com que são tratados os exemplos de registros escritos.

Nesse sentido, a intenção deste trabalho é analisar uma dessas comunidades - denominada “Língua Portuguesa” -, pretendendo verificar como são os posts que enunciam regras a respeito do que julga correto no uso da língua. Objetiva-se, então, qual o espaço ocupado por uma página que se pretende um meio de ajuda e de acréscimo ao conhecimento de cada usuário, mas que ignora conceitos básicos como erro, adequação, uso, norma, entre outros.

Questiona-se, aqui, como é a enunciação das regras por essa comunidade e quem é o sujeito que as enuncia. O que interessa, portanto, são as marcas de subjetividade que são deixadas nos enunciados veiculados pelos posts, o que elas revelam o que pensa a respeito do uso da língua o responsável pela comunidade. Ou seja, busca-se compreender quem é esse sujeito e qual é sua posição a respeito do uso da língua.

Na presente pesquisa, parte-se, primeiramente, da questão “de que perspectiva são passadas as informações na comunidade “Língua Portuguesa”?”, começando-se pela ideia de que essa comunidade contém informações pertinentes

ao uso da língua escrita. Isto é, ela não é somente um local troca de informações, pois também existem ali espaços que são utilizados como fonte de conhecimento e ajuda para a utilização formal escrita da língua portuguesa. Além disso, é preciso considerar não somente esse aspecto educativo, mas aquele que veicula posições preconceituosas em relação ao uso não padrão da linguagem, não respeitando as diversas formas de uso da língua portuguesa, confundindo oralidade com escrita.

A partir da observação de como se caracteriza essa comunidade, busca-se analisar o conteúdo postado sobre a língua portuguesa sob uma perspectiva enunciativa, observando os modos como ela é tratada, e o que isso diz sobre a posição que esse sujeito ocupa em relação ao seu uso. Para tanto, serão analisadas as marcas enunciativas dos diferentes tipos de *posts*, bem como qual o ponto de vista sobre a língua portuguesa da comunidade e o que ele veicula.

Desse modo, o presente trabalho se justifica pela tentativa de mostrar que tipos de informações estão sendo passadas para seus usuários, ou seja, de que natureza são essas informações, e qual a visão da comunidade em questão a respeito da língua portuguesa. Enfim, averiguar de que maneira a comunidade se coloca, qual sua posição enunciativa e o que se segue como uma verdade que contem imprecisões que definem o que pensar sobre questões importantes sobre uma língua e seu uso.

Como procedimento metodológico foram escolhidos dez *posts* considerados neutros, isto é, definidos como tendo uma característica educativa e outros dez que se acredita veicular preconceito em relação ao uso da língua. Esses *posts* serão analisados qualitativamente, verificando-se as marcas enunciativas presentes a fim de caracterizar a posição da comunidade em relação ao uso da língua portuguesa.

Em relação à estrutura deste trabalho, primeiramente apresenta-se uma parte teórica, em que serão explanados assuntos como internet, gramática e preconceito e a teoria enunciação; em seguida, procede-se a análise dos posts selecionados e, para finalizar, serão apresentadas as conclusões a que se chegou a partir da análise feita.

2 Internet

A sociedade tornou-se letrada somente com o passar do tempo e não em sua totalidade. Esse processo se deu mais tarde, pois, primeiramente, a sociedade humana se instituiu através do discurso oral. Todo esse processo de letramento se deu de maneiras diferentes e em diferentes épocas. Mas, atualmente,

Pertencemos a uma cultura escrita, e pensar de uma forma desvinculada dela é difícil para nós. No entanto, com algum esforço, talvez fazendo uma analogia com o surgimento da informática, possamos compreender o impacto do surgimento da escrita numa cultura oral. A escrita é uma tecnologia assim como a informática. A nossa geração, que não nasceu com a informática, se surpreendeu com o seu surgimento, e sua presença, se não continua nos assustando até hoje, pelo menos incomoda. Pensamos nos seus efeitos que ainda desconhecemos e tememos por aquilo que ainda é de nosso domínio. Assim vemos às vezes ainda com reservas o uso do computador, da internet por um número cada dia maior de pessoas e nos perguntamos se a forma de leitura e escrita não estaria ocupando ou até desativando o lugar do livro enquanto códex. (FREITAS, 2005, p.12).

Uma determinada modalidade comunicativa parece ser essencial em quase todos os momentos de nossas vidas, perante o enorme processo interativo humano: a conversa. Se, inicialmente, a internet era utilizada apenas por cientistas, pesquisadores, professores universitários e militares e essencialmente para a troca de informações, via e-mail, entre os grandes laboratórios de pesquisa, hoje ela é um dos mais importantes meios de comunicação entre as pessoas.

O e-mail e outros recursos de comunicação digital foram descobertos pelo grande público, que passou a usá-los em larga escala com popularização da rede, o que possibilitou a navegação mais fácil dos usuários sem grandes conhecimentos de informática. A rede digital cresceu em uma velocidade espantosa, comparando-se seu crescimento com o de outros veículos de comunicação, como a televisão, por exemplo.

As possibilidades de acesso a informações disponíveis para a comunicação em tempo real e para a aproximação de pessoas tornam a rede muito atrativa. A comunicação por meio do computador extinguiu o desejo interativo do ser humano face a face, mas sim colocou num patamar diferente do tradicional o hábito de conversar. Ainda: reforçou essa prática, mesmo que se veja no meio eletrônico o

aspecto mais público e livre da conversação. O bate-papo agora também acontece no *facebook*, um das plataformas mais interativas da atualidade.

No sistema *online*, a rede social é local de conhecimentos, de interesses e de busca por objetivos comuns, além de ser um local de compartilhamento de informações em âmbito mundial. O *facebook* foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, estudante da Universidade Harvard. Gratuito, pode ser utilizado por qualquer pessoa que tenha treze anos ou mais.

Os usuários do *facebook* criam perfis com fotos e informações pessoais. Além disso, é possível adicionar outros usuários como amigos. Existe também a troca de mensagens privadas e públicas entre os usuários, que podem participar de grupos de interesse comum e também categorizar seus amigos em listas como trabalho, faculdade e grau de parentesco.

Sendo esse o maior meio de comunicação utilizado na atualidade, é inevitável que seus usuários leiam mais e, como consequência disso, acabem por escrever mais. Assim, toda essa prática de leitura e escrita faz com que se encontre na rede várias formas de registro da língua escrita, muitas vezes com erros e equívocos na utilização da norma padrão. Observa-se que relação das pessoas com as regras da gramática normativa, que determinaram as formas de se escrever corretamente, apresenta níveis diferentes a cada usuário.

Essa variação de registro escrito da linguagem, na internet, é alvo de discursos de aprovação e reprovação. Para muitos, a maneira como as pessoas escrevem na internet consiste em uma “agressão ao idioma”, já que, muitas vezes, privilegiam a velocidade da “conversa”, sem atenção às regras formais da escrita. Por outro lado, para outros, esse modo de escrever é do que um fato que não merece tanta preocupação:

O uso da tecnologia digital para ler, escrever e divulgar informações transformou radicalmente a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, introduzindo novos gêneros textuais, práticas discursivas e estabelecendo um novo paradigma nas ciências da linguagem. No cerne dessas mudanças, cabe rediscutir as relações oralidade/escrita, elas também redimensionadas com os multimeios e o suporte eletrônico. A visão dicotômica de fala/escrita hoje insustentável, sobretudo face à realidade virtual, desafia nosso conhecimento acerca dos limites e distribuição da oralidade e do letramento, em gêneros não apenas novos, mas híbridos, numa crescente diversificação de formas e usos comunicativos (VIEIRA, 2005, apud MARCUSCHI, 2002, p. 21)

Com base na citação acima, pode-se concluir que a linguagem utilizada na internet é cada vez mais próxima à língua falada. Portanto, os usuários da internet podem se valer de recursos próprios da oralidade para se comunicar por meio da escrita pela tela do computador. Na realidade, a internet fez com que a escrita fosse utilizada com mais frequência, em virtude da proximidade com a linguagem oral, mas nem sempre essa escrita segue as regras e normas dessa modalidade.

3 Norma e preconceito

Ao discutir oralidade e escrita na internet, considerando uma comunidade sobre língua, é imprescindível que se trate da questão da norma. De acordo com Faraco (2008, p. 33), nos estudos linguísticos, o conceito de norma “surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua”, constituída por um conjunto de variedades.

Segundo o autor, deve-se a Coseriu a constituição desse conceito, na reformulação que esse linguista fez da dicotomia saussuriana língua (sistema)/fala em uma perspectiva tricotômica: sistema/norma/fala. Nesse sentido, a norma diz respeito às possibilidades de organização do sistema a partir do uso de uma língua por um determinado grupo de falantes. Sendo assim,

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente ('normal') numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 37).

Desse modo, toda norma tem uma organização estrutural, mesmo que cada comunidade linguística tenha várias normas. São, portanto, os fatos de língua comuns, correntes, usados por um grupo de pessoas que interagem no trabalho, escola, igreja, bairro, etc. Isso demonstra que, como há diferentes grupos, há diferentes normas, constituindo as variedades do português popular brasileiro, comprovando a heterogeneidade intrínseca de toda língua.

Para Faraco (2008, p 49), a homogeneização dessa variedade acontece devido à existência de uma linguagem urbana comum, uma “variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade completa, em situações monitoradas.” E é também ela que define o falar culto brasileiro, o que é denominado como norma culta falada, diferente da norma culta escrita, porque, embora alguns fatos linguísticos ocorram na fala culta, devido a sua grande proximidade com a linguagem urbana comum, eles não aparecem na escrita culta (e, quando aparecem, não são criticados). Nesse sentido, em situações monitoradas, usa-se uma variedade na fala e outra na escrita (Idem).

Assim, como a norma culta diz respeito ao “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (idem, p. 73), a aproximação entre uso monitorado e a escrita fez com que fosse atribuído a ela um valor social positivo. Do mesmo modo, tornou-se um objeto de registro e estudo, o que levou os falantes a vê-la como uma variedade superior, melhor que as demais, chegando mesmo a confundir essa norma com a própria língua. No entanto,

A norma dita culta é apenas uma dessas variedades, com funções socioculturais bem específicas. Seu prestígio não decorre de suas propriedades gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela. Em outras palavras, seu prestígio não decorre de propriedades intrínsecas (linguísticas propriamente ditas), mas de propriedades extrínsecas (sócio-históricas). (FARACO, 2008, p. 74).

Porém, se todas as variedades (normas) têm o mesmo valor linguístico, isso não acontece socialmente, pois há uma apreciação valorativa que as hierarquiza, isto é, elas vão adquirindo, por razões históricas, valores diferentes, dados por grupos sociais. Assim, algumas variedades são avaliadas positivamente, enquanto outras são desprestigiadas ou mesmo estigmatizadas.

E é justamente seu prestígio que fez com que a norma culta tenha sido gramatizada, ou seja, tenha passado a ser objeto de gramática e dicionários, aponta Auroux (apud FARACO, 2008). Esse fenômeno está ligado ao surgimento dos Estados modernos que precisavam de uma certa unidade linguística para se constituírem. Havia a necessidade de se estabelecer, por meio de instrumentos normativos como gramáticas e dicionários, um padrão de língua – o que hoje se denomina norma padrão.

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas) que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma padrão ou língua padrão.(FARACO, 2002, p.40)

Nesse sentido, as gramáticas e dicionários agiram como instrumentos padronizadores, a fim de fixar um modelo (padrão) considerado regulador (normatizador). Com isso, ganharam uma força coercitiva e passaram a ser aceitos como medidas de comportamento, ditando o modo de fala e escrita formais. Aqui se opõem, então, norma no sentido de normalidade (aquilo que é normal) do sentido de normatividade (aquilo que é normativo):

Nos estudos linguísticos, norma designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes ('normais') numa determinada comunidade de fala. No funcionamento monitorado da língua, porém a palavra norma é usada com o sentido de preceito, isto é, designa aquilo que tem caráter normativo, que serve, no interior de um projeto político uniformizador, para regular explicitamente os comportamentos dos falantes em determinadas situações (FARACO, 2008, p. 76).

Portanto, foi imposta aos falantes uma norma que define, por meio da gramática (e dos dicionários), o modo como se pode usar uma língua. Tem-se, então, uma norma gramatical que, embora devesse descrever e consolidar os usos de uma língua, acaba sendo limitadora, na medida em que se espera que esses usos se enquadrem no que já está estipulado por ela.

Essa norma gramatical é a que fundamenta a norma padrão, mais diretamente ligada à língua escrita, dada a própria razão do surgimento das gramáticas. Segundo Bagno (2003), hoje ela está veiculada à escola, ao que nela se aprende. Isso porque o ensino/aprendizagem da língua portuguesa ainda é feito de acordo com o que apresenta a gramática normativa, apesar dos avanços da pesquisa linguística sobre questões de língua/linguagem (como texto, enunciação, discurso e interação) e da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ao seguir regras apresentadas pela gramática normativa,a norma padrão traz consigo os conceitos de certo e errado, o que deixa claro que há uma norma pré-estabelecida de como se escreve corretamente, sendo que formas diferentes das prescrições gramaticais são consideradas erradas.

No entanto, é preciso considerar que o padrão formal vem sendo cada vez menos usado na escrita. Aos poucos, a força da imprensa, por exemplo, ou mesmo da literatura

contemporânea tem迫使 o uso de uma norma mais flexível em relação ao que é prescrito pelas gramáticas tradicionais. Do mesmo modo, gramáticas publicadas nos últimos anos apresentam característica menos impositivas, procurando flexibilizar regras que já não se justificam, uma vez que não são mais usadas. Assim, faz sentido falar em norma culta também para a escrita.

De acordo com Bagno (2003), porém, o conceito de norma culta é mais uma forma de preconceito, que se dá no momento em que se elege uma única maneira certa de falar a língua, surgida a partir dos princípios e regras estabelecidos na gramática. Contudo, essas regras estariam veiculadas somente em um tipo linguístico específico, que é a escrita feita por cidadãos de uma classe seleta especial.

De fato, dessa maneira, os gramáticos tentam preservar os usos de tais regras para, assim, montar um modelo de língua padronizado, o qual qualquer pessoa que queira falar “corretamente”. Existem, então, os pré-conceitos, e se tenta achar, nas diversas maneiras de utilização da língua, um ideal a ser seguido, uma forma imposta e pré-determinada que todos deveriam seguir.

Assim, no senso comum, só é considerado culto aquilo é proveniente de classes sociais privilegiadas. Contudo, quando se descreve que uma pessoa é culta, pressupõe-se que ela acumulou conhecimento de uma dada cultura, uma entre várias que existem. Mas,

Do ponto de vista sociológico e antropológico, simplesmente não existe nenhum ser humano que não esteja vinculado a uma cultura, que não tenha nascido dentro de um grupo social com seus valores, suas crenças, seus hábitos, seus preconceitos, seus costumes, sua arte, suas técnicas, sua língua. (BAGNO, 2003, p.58)

Ser “culto”, portanto, não é determinado por um padrão, visto que existem variedades linguísticas. O que se pode concluir disso é que, de uma maneira mais abrangente, a norma culta se refere à língua falada e suas variações. Não há um julgamento específico, não há uma norma, uma regra de como se deve falar, ou não. É dentro de cada contexto social, esses padrões são criados.

Para se ter uma idéia dos fenômenos linguísticos que ocorrem na língua e desfazer a confusão que há entre norma padrão e culta, pode-se pensar no modelo de uma pirâmide. Bem no alto, no topo, estaria a norma padrão bem no alto, como uma abstração, um “modelo utópico” a ser seguido e que só é possível de ser usado

na escrita. Em seguida, estão as diversas variedades linguísticas que vão desde aquelas usadas pelas classes sociais mais privilegiadas, tanto na fala quanto na escrita, até a das classes menos prestigiadas, restritas à fala.

Segundo Bagno (2002), a língua é constantemente usada na prática da descriminação, da exclusão social, e já está evidente que, da visão científica, não existe “erro” em língua. O que existe, na verdade, é variação e mudança, sendo que as línguas mudam para pior nem para melhor, apenas variam e mudam, independente da vontade dos falantes, das prescrições gramáticas ou do julgamento/condenação da sociedade.

Desse modo, aquilo que é considerado erro em língua não é admissível dentro de um contexto científico dos fenômenos da língua; porém, do ponto de vista sociológico, o conceito de “erro” existe em maior e menor gravidade, dependendo de como os falantes que são distribuídos dentro da pirâmide de variedades linguísticas. Assim, os desvios cometidos pelos falantes das classes sociais privilegiadas não chamam tanto a atenção como aqueles apresentados pelas classes sociais estigmatizadas.

Portanto, quanto mais baixo na escala social estiver o falante, seus “erros” serão mais desqualificados pelas camadas mais elevadas. Da visão sociológica e antropológica, o “erro” se sustenta no valor social do falante, no seu grau de escolaridade, no seu poder aquisitivo, na cor de sua pele e tantos outros critérios e preconceitos exclusivamente socioeconómicos e sociais. Assim, não é a variedade que é julgada, mas seus falantes, e é isso que dá ensejo ao preconceito linguístico.

No que se refere ao uso da língua escrita, o preconceito se manifesta quando se apontam os erros cometidos por estudantes, quando se publicam as placas de ruas, os letreiros de estabelecimentos comerciais, etc. Da mesma forma que com a fala, os erros de escritura apresentam uma escala avaliativa. Assim, um texto em linguagem padrão formal ou mesmo um texto seguindo a norma culta vão ter a mesma valoração positiva, ainda que a segunda modalidade apresente erros em relação aos preceitos gramaticais. Muitas vezes, não são sequer notados. E quanto mais distante do padrão (ou mesmo do culto) mais os erros são apontados e seus autores julgados como não conhecedores da língua, da gramática.

Na realidade, porém, a gramática não é a língua. O preconceito linguístico está ligado à confusão que foi criada, no decorrer da história, entre língua e gramática normativa. Assim, “A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do

tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma-padrão". (BAGNO, 2011, p.20).

Leite (2008) apresenta um interessante ponto de vista sobre o preconceito linguístico, diferenciando-o de intolerância com tipos de usos da língua. Segundo a autora, esses conceitos, embora aparentemente sinônimos, não o são, pois um exame mais específico aponta que preconceito é uma ideia ou um sentimento que pode levar o sujeito à intolerância, que é a atitude de não aceitar opiniões opostas.

A intolerância linguística gera manifestações sobre verdade, compatibilidade e incompatibilidade teórica de duas verdades que são opostas. Já o preconceito, mesmo que tenha em comum com a intolerância o fato da não aceitação da diferença, não leva o sujeito a um discurso de acusação a respeito da diferença.

Preconceito e intolerância possuem pontos característicos em comum; contudo, é possível encontrar também diferenças entre ambos:

O preconceito é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro, é um não gostar, um achar- feio ou achar- errado um uso (ou uma língua), sem discussão do contrário, daí que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É um não gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque necessariamente, se manifesta por um discurso metalingüístico calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, tradição x modernidade, saber x não saber e outras congêneres. (LEITE, 2008, p.24)

Assim, as pessoas podem (e fazem) julgamentos sobre os diversos modos de utilização da língua, sejam eles escritos ou orais. A língua é um dos bens imateriais da sociedade, e todos são seus "donos" e, por isso, posicionam-se frente a ela. No entanto, o problema está em julgamentos que passam do "eu penso isso" para o "pensa-se isso", quando não é mais um sujeito individual que se posiciona frente a um uso diferente daquele que é considerado o mais correto, mas assume o discurso de um sujeito coletivo abstrato, o do padrão ideal da língua, definido pela gramática. Esse sujeito enuncia e marca uma posição política que, embora desprovida de conhecimento científico, soa como verdade.

4 A enunciação

Neste trabalho, considera-se a noção de enunciação tal como foi desenvolvida por É. Benveniste, um seguidor de Saussure, e que, portanto, tem seus princípios baseados no estruturalismo, mas que procurou ir além do mestre genebrino, incluindo em seus estudos o que fora descartado no Curso de Linguística Geral: o sentido e, consequentemente, o sujeito. De acordo com Flores e Teixeira (2008, p. 29),

Benveniste é considerado o linguista da enunciação e consequentemente o principal representante do que se convencionou a ‘Teoria da Enunciação’. Não trata aqui de estabelecer hierarquias, mas de reconhecer uma filiação epistemológica. Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação.

A teoria da enunciação considera o sujeito como ponto principal dos estudos sobre a linguagem. Segundo o autor, “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, conceito de ‘ego’”. (BENVENISTE, 1995, p.286).

Em uma enunciação, a presença do locutor faz com que cada esfera do discurso constitua um centro de referência interno: “Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua formação” (BENVENISTE, 1989, p.84). O fato de, mediante esse ato, o locutor “mobilizar a língua por conta própria” (p. 82) determina uma situação de enunciação da qual surgem os enunciados.

Esse ato individual pelo qual o locutor utiliza a língua coloca o locutor como um parâmetro na/da enunciação, pois a língua é empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. Assim, de acordo com Benveniste (1989), isso insere aquele que fala em sua fala. E esse é um fato constitutivo da enunciação.

Desse modo, a enunciação o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82), isto é, o processo por meio do qual o sistema linguístico é colocado em uso - o ato de produzi-lo. Enunciar é transformar individualmente a língua em discurso. Já o enunciado é o resultado desse processo, momento em que o sujeito se manifesta verbalmente, produzindo o

discurso, que, a partir da enunciação, dependendo do contexto e do objeto, pode resultar em diversos enunciados. Esses enunciados podem, ainda, ter sentidos diferentes de acordo com a situação de enunciação. A teoria da enunciação permite, então, separar o ato (enunciação) do produto (enunciado).

O ato individual de utilização da língua pressupõe que um enunciador determine um destinatário. No momento em que se manifesta linguisticamente, o locutor se apropria da língua e enuncia, transformando a língua, uma mera virtualidade, segundo Benveniste, em discurso, realidade da linguagem.

Assim, é a partir da enunciação que se pode ter a noção de sentido, pois antes de a língua estar em uso, pode-se apenas reconhecer os elementos linguísticos de um determinado sistema. A passagem da língua para discurso é chamado de semantização, ou seja, ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor estabelece uma relação com o mundo via discurso, transformando-se em sujeito da enunciação.

É, portanto, a noção de subjetividade que fundamenta a teoria da enunciação em Benveniste – ela consiste na capacidade de o locutor se colocar como sujeito do seu discurso. E isso acontece na e pela linguagem: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no discurso” (BENVENISTE, 1995, pág.286). Dessa forma, a subjetividade se funda no exercício da língua, no qual um *eu* produz um discurso dirigido a um *tu*.

Observando que todas as línguas possuem pronomes para indicar as pessoas do discurso, Benveniste conta-se que os pronomes podem fazer parte da sintaxe da língua (denominado por ele modo semiótico) ou da categoria do discurso (modo semântico). Dessa forma, ele determina os dois modos de significação da linguagem.

A questão semiótica tem por base aquilo que é intralinguístico, considerando o que pode ser identificado no interior do sistema. Então, pode-se definir a língua como semiótica. Já conceber a língua no modo semântico só é possível ao colocá-la em ação, como mediadora da relação homem-mundo e como possibilidade para o homem da organização de si.

Portanto, a semiótica leva em consideração as propriedades da língua, enquanto a semântica considera a língua em ação, o momento em que ela está sendo utilizada, sendo, então, resultado da atividade de um locutor que se transforma, nesse momento em sujeito, ao dar um determinado sentido à língua.

A unidade da semântica é a palavra, compreendida na teoria do autor como discurso. De acordo com Benveniste (1989), o sentido de uma palavra é o seu emprego, e o sentido de uma frase é a sua ideia. Então, pode-se compreender que cada palavra tem um sentido, mas o que vai de fato determinar esse sentido é o uso que essa palavra será empregada. No momento em que enuncia, o locutor irá emplegar uma palavra com sentido diferente cada vez.

Por meio da referenciação aos interlocutores e ao contexto da enunciação os sentidos são construídos a cada relação enunciativa. A linguagem é tão organizada que possibilita cada locutor apropriar-se da língua tornando-se o “eu”. Segundo o autor,

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua ‘pessoa’ definindo-se ao mesmo tempo como ‘eu’ e a um parceiro como ‘tu’. (BENVENISTE, 1995, p.289)

Assim, para Benveniste, a enunciação é a instância do “eu”/“tu”, mas também do “aqui” e “agora”, porque, nela, alguém, em determinado espaço e tempo criados pela linguagem, assume a palavra e, ao fazer isto, institui-se como “eu” dirigindo-se a outro que é instaurado como “tu”. A consideração das pessoas, do tempo e do espaço da enunciação é denominada “categorias da enunciação”, ou seja, são os indicadores de subjetividade.

Os indicadores são pronomes, advérbios ou locuções adverbiais que indicam determinadas funções distintas Os pronomes pessoais “eu” e “tu” sempre indicam as pessoas do discurso, sendo que o “eu” é a única pessoa subjetiva, pois quando o “tu” toma a palavra, transforma-se em “eu”, assumindo o papel de sujeito. Em relação aos advérbios de lugar, vemos que “aqui” indica o espaço do “eu” e “ali” indica o espaço do “tu” (e “ali” indica o espaço externo à enunciação); ou seja, eles determinam a categoria de lugar. Já o advérbio “agora” determina a categoria de tempo, indicando o momento em que o “eu” mobiliza a língua, colocando-se como sujeito da enunciação.

Esses indicadores, denominados pelo autor de dêiticos, são uma relação de referência que se estabelece entre um elemento da situação de enunciação e uma

expressão linguística. Eles têm a função de apontar para o contexto situacional e o seu significado referencial só pode ser determinado em função da situação e do contexto, como também do receptor desse enunciado.

Os dêiticos são considerados como um conjunto de processos linguísticos que permitem apontar no enunciado as marcas da sua enunciação. Portanto, os dêiticos sempre apontam para as realidades particulares do momento enunciativo. No discurso, cada vez que são utilizados, permitem marcar as circunstâncias apresentadas pelo falante, numa situação de enunciação única e irrepetível.

As categorias de pessoas, de espaço e de tempo constituem o que Benveniste denominou *aparelho formal da enunciação*, ou seja, um meio pelo qual as línguas podem ser enunciadas. Esse aparelho é a marcação da subjetividade na formação da língua, pois se a enunciação é colocar a língua em funcionamento, a cada momento que o locutor se apropria das formas da língua para enunciar, apropria-se de toda a língua (o aparelho formal), produzindo novos usos, isto é, usos que não se repetem, pois o momento da enunciação é único: pessoa, espaço e tempo, as categorias da enunciação, não podem ser eternizadas no uso da língua.

Benveniste inicialmente diferencia as formas da língua e as formas da enunciação. A primeira daria conta das regras que se encarregam da organização sintática da língua; já a segunda, que admite a anterior, inclui no objeto de estudo a enunciação, considerando o emprego da língua é “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido”. (BENVENISTE, 1989, pág.82).

Dessa forma, o aparelho formal da enunciação é integrante da língua em sua totalidade e não se encontra restrito apenas a formas específicas. Assim, desfaz-se a oposição inicial entre as formas que seriam da estrutura linguística e aquelas próprias à enunciação.

Foi a partir dos estudos de Benveniste sobre enunciação que se originaram as teorias que estudam a organização linguística do discurso. O discurso é produzido a cada vez que se fala; porém a manifestação da enunciação é a ação de produzir um enunciado.

As palavras derivadas de verbo terminadas em –cão indicam “ação de”. Então, enunciação é a prática de enunciar, ou seja, o ato de dizer. Enunciado, vocábulo terminado em –ado (particípio) denota o “produto de uma ação”; portanto,

enunciado é aquilo que é dito, é o produto da enunciação. A ação de dizer, enunciação, produz gera um dito, que é o enunciado. Assim sendo, temos o dizer e o dito, a enunciação e o enunciado. (FIORIN,2012)

Para se passar da língua para fala, aponta Benveniste (1989), é necessário que haja uma instância que permita isso: a enunciação, o ato de pôr em funcionamento a língua. O ato de enunciação pelo qual o sujeito enuncia sua posição de locutor é, ao mesmo tempo, um ato de conversação, de comunicação, e de transformação da língua em discurso.

A distinção entre enunciado e enunciação separa o enunciado em dois componentes: o que é dito e a maneira de dizê-lo. Essa distinção fundamenta-se em opor o sentido do enunciado à atitude que o locutor mostra em relação ao seu dizer. A enunciação admite como possível a transformação da língua em discurso, vendo como o sentido se transforma em palavra. Na enunciação, consideram-se o ato, as situações em que esse ato se realiza e os mecanismos de sua realização. (SARFATI, 2010).

Fundamentada na presença do homem na língua, a teoria da enunciação de Benveniste trata de um sujeito que é demarcado linguisticamente, construído no momento do discurso. Cada circunstância consiste sempre em um enunciado novo, pois, no instante em que o locutor se coloca com “eu” ele instaura um “tu” e, neste momento, ele está marcado na língua.

Desse modo, ao enunciar, o sujeito deixa marcas em seu discurso, os dêiticos, isto é, os indicadores de subjetividade. São essas marcas, que instituem o sujeito em sua própria enunciação, que aparecem no seu enunciado, demonstrando as características dele como enunciador. A partir delas, é possível encontrar “pistas” de quem/como é esse sujeito, a quem ele se dirige, de que maneira, e até mesmo por quê.

De acordo com Benveniste, como a enunciação é um momento transitório, efêmero, ela não é observável, constituindo-se em apenas uma possibilidade. Sendo assim, a enunciação só pode ser analisada pelas marcas que deixa no enunciado. Portanto, para se analisar o evento enunciativo é preciso considerar os vestígios observáveis que restaram no enunciado. Desse modo, observável são as marcas da enunciação no enunciado.

Em uma análise enunciativa, é necessário que o analista atente ao arranjo do enunciado. É ali que podem ser encontradas marcas e/ou pistas deixadas pelos

processos de formação de sentidos que são necessários identificar e interpretar. A análise se interessa pela maneira como as coisas são ditas e por que, e não exatamente pelo o que se diz ou mostra.

5 Análise

Na rede social *facebook*, existem várias comunidades que abordam diferentes assuntos. Dentre essas comunidades, existe uma específica chamada Língua Portuguesa, que se destina a dar dicas sobre o uso dessa língua, abrangendo diversos assuntos como ortografia, regência, concordância e tantas outras regras e assuntos.

A comunidade possui atualmente o número 85.000 seguidores, ou seja, o número de pessoas que acessam a página ou que visualizam seu conteúdo (aquilo que é postado) na sua página pessoal. A comunidade tem uma mediadora, ou seja, uma pessoa que administra a página, a qual não será aqui nominada (ainda que ela mesma se identifique), que é do Rio de Janeiro e possui o curso completo de Letras – Português, concluído em 1997.

Basicamente, há dois tipos de *posts* que interessam a este trabalho: aqueles que visam a explicar/apresentar normas da língua, que não veiculam preconceito ou intolerância em relação ao uso da língua. Também não apresentam equívocos com relação aos conceitos linguísticos. São *posts* não marcados, que se resumem a apresentar regras gramaticais (ANEXOS A a J).

Nessas publicações, sujeito procura ser neutro, ou seja, não demonstra intenção de julgar ou criticar a utilização da língua portuguesa pelas outras pessoas, bem como seus “erros”. Neles, posiciona-se apenas como um transmissor de conhecimento, como alguém que tem somente o objetivo de auxiliar na explicação de dúvidas quanto ao uso da língua. Como, por exemplo, no post 01 (anexo A), em que é apresentada a “regra do vai e volta”, o sujeito fica marcado apenas como um “eu” que está explicando alguma coisa.

É claro que, ao escolher o que está postado, esse sujeito quebra com a neutralidade que busca, pois a própria escolha do que julga ser uma dificuldade de língua ou de algo que pensa que as pessoas precisam saber, ele já se coloca frente

ao que enuncia. Por exemplo, quando apresenta o *post* 04 (anexo D) a grafia de “excelente”, destacando o “xc”, ele se apresenta como um sujeito que conhece a dificuldade de se escrever essa palavra.

Assim, ao fazer as escolhas, ele reproduz enunciados prescritivos, cujo discurso remete ao da gramática normativa. Não é um sujeito que se marca diante do que enuncia, pois, mesmo quando usa o dêitico “eu”, está reproduzindo um dizer de um outro “sujeito” – quem diz é a gramática.

Neste trabalho, no entanto, esses *posts* foram considerados não marcados porque não se identifica neles a presença de marcas que demonstrem quem é esse sujeito e que marcas ele deixa no enunciado da sua enunciação sobre os usos da língua.

Confirmando essa ideia, no *post* 03 (anexo C), “aonde X onde”, por exemplo, no qual é apresentada a diferença entre essas duas palavras. Justifica-se, ainda, a característica apenas elucidativa do *post* por meio das explicações quando o sujeito mostra de forma clara e simples o modo de empregar as duas palavras da seguinte forma: “aonde: emprego da preposição a apontando para a ideia de movimento...” e utilizando um exemplo para deixar mais clara a explicação.

No *post* 05 (anexo E), em que o sujeito explana sobre a grafia correta das palavras “por isso”, “de repente” e “com certeza”, ainda é válido considerar a colocação do sujeito em uma observação explicativa, grifada em vermelho (grifo nosso), “por isso, de repente e com certeza são escritas separadas, vamos divulgar?”. As marcas lingüísticas “vamos” e “divulgar”, colocam o sujeito na posição de alguém que tem interesse que os outros conheçam a grafia correta das palavras, compartilhando seu conhecimento. No entanto, o modo como ele coloca as palavras no *post*, com um grande espaço entre elas, revela certo posicionamento a respeito do uso dessas palavras, mesmo que não expresso verbalmente,

No *post* 06 (anexo F), por meio de um exercício, o sujeito procura incentivar as pessoas a descobrirem suas dificuldades e dúvidas, com respostas. Aqui o sujeito enunciador se coloca apenas como um convededor da questão a fim de resolvê-la corretamente e, assim, incentivar outras pessoas a testarem seus conhecimentos e tirarem suas dúvidas.

Contudo, fica claro que o sujeito, mesmo que não se marque linguisticamente como preconceituoso ou mesmo intolerante, ele tem uma visão de certo e errado, do que se deve e o que não se deve escrever. Seu aporte é o da gramática normativa,

o que pode ser comprovado no *post* 08 (anexo H), sobre tipos de predicado, em um tratamento completamente teórico gramatical do assunto.

Se os *posts* até aqui apresentados não mostram um sujeito preconceituoso ou intolerante, os analisados a seguir apresentam essas características, além de alguns equívocos e ideias do senso comum sobre língua. Eles serão apresentados no corpo do texto e não em anexo, como os demais, a fim de facilitar a compreensão das questões apontadas.

Post 11:

The screenshot shows a Facebook post from the page "LÍNGUA PORTUGUESA". The main image is a man covering his face with his hands. The post text includes:

EU NÃO!
AGUENTO MAIS

DESENTE: SE ESCREVE JUNTO
MENAS: NÃO EXISTE
SEJE/ESTEJE: ESTÁ ERRADO
QUIZER: O CERTO É QUISER
COM CERTEZA: SE ESCREVE SEPARADO
DE REPENTE: SE ESCREVE SEPARADO
MAIS É ANTÔNIMO DE MENOS
MAS, SINÔNIMO DE PORÉM
A GENTE: É SEPARADO
AGENTE: SÓ SECRETO
MIM NÃO CONJUGA VERBO

MAU é um adjetivo e se opõe a **BOM**
MEXER É COM X, **XINGAR** TAMBÉM,
SE NÃO FOR INCOMODAR (SIM... É COM I).

COMPARTILHE
E MELHORE O SEU CONVÍVIO
LINGUÍSTICO COM AS PESSOAS.

The right side shows a comment section with several users reacting to the post:

- Daniel Faria Boa!!!!, 24 de abril de 2013 às 16:08 · Curtir
- Carlos Castro estudem um pouco de gramatica meus caros colegas 25 de abril de 2013 às 22:10 · Curtir
- Edilaine Gomes kkkk...mto bom! 26 de abril de 2013 às 08:31 · Curtir
- Ewerton Moura Que Rebelde da sua parte! 3 de maio de 2013 às 01:39 · Curtir
- Lourenco Almeida Mim nao conjuga verbo. prometo nao esquecer 5 de maio de 2013 às 06:14 · Curtir
- Lourenco Almeida Boa didática 5 de maio de 2013 às 06:19 · Curtir

(Escreva um comentário...)

Neste *post*, é possível analisar duas marcas bem evidentes de preconceito/intolerância quanto à utilização da língua, ou melhor, quanto ao julgamento dos “erros” que são cometidos frequentemente por boa parte das pessoas. Ao enunciar as duas frases destacadas, o locutor dá sentido ao enunciado, posicionando-se por meio no que enuncia. O advérbio de negação “não”, juntamente com o pronome “eu” marcam o sujeito e seu enunciado, deixando marcas de sua enunciação.

No primeiro enunciado, “Eu não aguento mais”, o sujeito expressa uma posição de insatisfação frente aos erros que são cometidos ao utilizar a língua. Nota-

se aqui o uso do pronome “eu”, indicando um sujeito que está cansado de ler/ouvir as formas destacadas. O enunciado adquire uma característica de desabafo, mostrando que encontrar essas formas incomoda, mas mostra também que ele encontra muito isso, sinal de que são formas usais na língua falada e/ou escrita. Assim, questiona-se: Como não aguentar mais? Há possibilidade de essas formas não mais aparecerem? São questões que se colocam para evidenciar que esse *post* mostra a intolerância do sujeito frente a usos diferentes de linguagem. Não se pode dizer, por exemplo, que “menos” não existe. Há muitas pessoas que falam essa expressão e são compreendidas. Outra questão também é a mistura entre regras de fala e escrita: algumas se referem ao modo correto de escrever (desde; de repente), outras de falar (esteje, teje). Nesse sentido, vemos um sujeito que não “aguenta” nenhum tipo de desvio na norma, seja a culta ou a padrão.

Isso pode ser confirmado pela segunda frase grifada “Compartilhe e melhore seu convívio linguístico com as pessoas”.

Nessa frase o sujeito se coloca ainda mais insatisfeito, dando a ideia clara de que para haver uma melhor convivência é necessário escrever corretamente. Cabe, então questionar o que é “convívio linguístico”. A noção parece ser de comunicação, ou seja, as pessoas interagindo umas com as outras por meio da linguagem. Isso, no entanto, não depende do uso do padrão ou mesmo do culto, pois há diversas formas de registros (variedades) que são usadas e que não impedem a comunicação. As pessoas convivem, independe da forma usada, pois um falante circula em diferentes esferas públicas e, se falar português com falantes de português será compreendido. Nenhuma das palavras listadas no *post* torna melhor ou pior a comunicação.

Post 12:



Neste *post*, é possível observar ainda melhor o posicionamento insatisfatório do sujeito com relação ao modo errado de escrever. No enunciado “Acho completamente fora de moda escrever errado”, ele se posiciona e se marca contrário ao fato de se escrever “errado”. Para ser mais evidente essa marcação de sujeito, veja-se na parte, grifada por nós em vermelho, em que o sujeito reforça o dito com o enunciado “Concordo”. Ainda, a expressão “moda” demonstra um posicionamento em relação a um momento em que esteve na moda escrever errado. Provavelmente, é uma referência ao uso menos monitorado da linguagem na internet. Mas também se pode entender que esse sujeito está se colocando como contrário ao lugar-comum que opõe linguístas e gramáticos, dado que essa é uma comunidade de uma pessoa formada em Letras, segundo a qual os primeiros são partidários do tudo pode em termos de uso de língua.

Ainda, podemos notar que o sujeito tirou este *post* de algum lugar e compartilhou-o, evidenciando que concorda como que ele mesmo traz e acha pertinente divulgar tal fato para os outros. Quando ele concorda com o fato de não estar “na moda” escrever “errado” ele infere que isso é algo feio, brega, ultrapassado, visto que “estar na moda” se refere a alguma coisa que é de costume, passageiro, mas que, em algum momento, a maioria das pessoas segue e a utiliza.

Post 13:



No post acima, é possível constatar mais uma vez o sujeito posicionado de maneira contrária aos “erros” sobre a língua. Aqui o sujeito é marcado linguisticamente pela palavra “curto”, ou mais especificamente, o enunciado “eu não curto”. Apesar de não haver o pronome *eu*, que é marca de sujeito, o verbo curtir em primeira pessoa marca a intenção do enunciado.

Ainda podemos fazer uma comparação com a rede social *facebook*, em que há a opção “curtir”. Neste caso, “curtir” é opção do usuário, mas não existe a opção “não curtir”. Foi uma maneira de fazer uma relação da língua com a rede. O sujeito se utilizou de ferramentas do próprio *facebook* para se expressar adverso aos “erros” da língua.

Além disso, cabe aqui questionar o que o sujeito considera como um “erro”? O que este sujeito julga que é um “erro de português”? Como já foi visto anteriormente, erro é uma expressão muito questionável, já que as noções de

certo/errado podem ser usadas apenas em relação à língua escrita. E como se viu em outros posts, o sujeito não faz essa diferenciação. Assim, cabe questionar: A que erros o sujeito se refere aqui? Da modalidade oral ou escrita?

Post 14:



Partindo do enunciado do sujeito, grifado em vermelho por nós, o que se constate são equívocos e imprecisões neste post.

Primeiramente, a norma culta é colocada como aquela “reconhecida pela gramática”. A referência aqui deve ser á gramática normativa que, como se viu, dita a norma padrão de uma língua. Observe-se também que a citação de onde a norma culta é encontrada também é incorreta, uma vez que a escola ensina o padrão e os livros científicos são escritos com essa norma; já os livros literários (os contemporâneos, em sua maioria) e a imprensa usam a norma culta.

Além disso, há equívoco também na referência à norma coloquial, em que o sujeito coloca que é “aquela que não se prende às normas gramaticais”. Na realidade, toda e qualquer forma de expressão lingüística, seja ela falada ou escrita,

é orientada por meio de alguma regra, seja ela criada ou inserida no meio em que o sujeito se encontra.

Esses enunciados deixam marcas, portanto, de um sujeito que não domina completa e corretamente os conceitos sobre língua, embora formado em Letras. Ele procura se colocar como um especialista, mas não apresenta conhecimento suficiente.

Post 15:



Neste post, o sujeito mostra-se totalmente contrário aos erros da língua, seja de maneira escrita ou falada. No enunciado “proibido falar e escrever errado” já é possível notar o quanto o sujeito se incomoda com este fato, tomando a liberdade inclusive de proibir que os outros cometam erros. Utilizando-se de um sinal de trânsito que configura “proibição”, o sujeito se põe como uma autoridade definidora de uma regra, uma determinação imposta que deve ser utilizada.

Além disso, ao enunciar “sujeito a multa” só confirma seu olhar de intolerância. Quando algo é proibido, significa que é alguma coisa que não se aceita,

alguma coisa que não deve ser feita em nenhuma circunstância e, tamanha a gravidade do fato, dá-se a ideia de “lei”, devendo o infrator ser multado.

A partir disso surgem as questões: Quem seria a pessoa autorizada a decidir que falar e escrever errado não são permitidos? Quem tem o poder de tomar tal decisão? O que é, na verdade, para este sujeito “falar e escrever errado”?

Ao colocar um enunciado semelhante a uma proibição de trânsito, o sujeito se apresenta como uma autoridade, de alguém que pode avaliar o que é certo ou não.

Post 16:

The screenshot shows a Facebook post from a page called "LÍNGUA PORTUGUESA". The post contains the following text:

Non sei não. Há certos erros que não são aceitáveis.

Below the post, there is a list of comments from users:

- Wilma Inês Araújo Corretíssima a professora Giselle - 9 de outubro de 2012 às 11:40 · Curtir
- Aline Barbosa Faço isso também! - 28 de novembro de 2012 às 01:51 · Curtir
- Lilian Fernandes Eu também...rs - 28 de novembro de 2012 às 15:59 · Curtir
- Camilla Franco idem. kkk - 12 de dezembro de 2012 às 23:04 · Curtir
- Gabriella França Kkkkkk tão eu ;x - 19 de dezembro de 2012 às 23:35 · Curtir
- Noemi Ikeda Fabsímo - 22 de janeiro às 18:20 · Curtir

At the bottom, there is a placeholder for a new comment: "Escreva um comentário..."

Neste post, vê-se, no quadro, um primeiro enunciado colocando que, quando um erro de ortografia é encontrado, a pessoa olha o teclado para ver se a proximidade das letras tornaria o erro aceitável. Aqui está dito, então, que escrever de forma não correta só é justificável quando, por distração, trocam-se letras. Nesse

caso, há uma desculpa, uma justificativa para o erro ortográfico; ou seja, haveria um motivo para a grafia incorreta, uma vez que distraído qualquer um pode ser, mas desconhecer o modo como as palavras são escritas não. Assim, haveria um “erro justificável”.

No entanto, a colocação do sujeito desse *post*, destacada em vermelho por nós, apresenta o seguinte enunciado: “Não sei não. Há certos erros que não são aceitáveis”. Encontram-se, aqui, marcas evidentes de intolerância em relação aos erros ortográficos, quando ele comenta o dito que retirou de outro lugar.

Os advérbios de negação “não”, mostram a posição que ele assume. Em termos linguísticos, “Não sei não.” Indica que o sujeito se posiciona frente ao enunciado, modalizando sua opinião – ele não discorda totalmente do que está escrito, mas não lhe é possível aceitar essa opinião completamente. Isso é confirmado na oração seguinte “Há certos erros que não são aceitáveis”, em que ele demonstra que não há erros justificáveis em termos de ortografia, de uso da língua escrita, portanto.

O considerando-se o período todo como um enunciado, o sujeito mostra-se como incapaz de aceitar esse tipo de erro, além da ideia de que, para ele, existem “erros” aceitáveis e outros não: se há “certos erros” que não podem ser aceitos, infere-se que o sujeito admite que há alguns aceitáveis. Quais seriam eles, então, se nem mesmo os por distração podem ser considerados?

Discute-se, ainda, que posição este sujeito ocupa para avaliar quais erros seriam aceitáveis e quais erros não seriam passíveis de aceitação. Quem é este sujeito para julgar os erros como aceitáveis ou não? Manter uma comunidade sobre a língua portuguesa é uma prerrogativa de qualquer pessoa que se julgue apto a apresentar normas e regras ou mesmo comentários sobre usos. O *facebook* é aberto e, a menos que uma página/comunidade/comentário seja denunciada como impróprio, não há censura ao que ali é postado.

Nesse caso, então, o sujeito se apresenta como em outros *posts*, na posição de um especialista, ainda que apenas o diploma em Letras não dê a ele esse status. Com se está vendo, ele não demonstra conhecimento suficiente para falar sobre a língua, a não ser como qualquer outra pessoa que pode refletir sobre ela. O que se observa, então, é um sujeito que se mostra como qualquer leigo em termos de usos linguísticos, externado seu discurso de julgamento, contrariedade, impedimento. É, portanto, um enunciado que deixa clara a intolerância linguística do sujeito.

Post 17:



Aqui, o sujeito já se coloca em uma posição preconceituosa. Aproveitando o dia do índio, ele questiona “Como não postar?”, mostrando o quanto ele gostou do enunciado da imagem. Isso sugere que, para ele não há outra possibilidade para alguém que tem uma comunidade de dicas de LP, ou seja, ele sente-se na obrigação de compartilhar esse dito.

Na posição de um sujeito que detém o poder de mostrar o “certo e o errado”, seria impossível que ele não mostrasse isso nessa data. Ou seja, ele assume como seu um discurso que debocha do modo como as pessoas falam, lembrando uma ironia que se faz em relação ao uso do “mim”: quem fala mim é índio. Isso se ouve até mesmo na escola, dito por professores.

Quando se enuncia “Feliz dia do índio para você que diz pra mim fazer”, está se dizendo que a pessoa que fala assim é um “índio”, posição não só preconceituosa em relação à linguagem mas também a essa etnia, que não tem o português como língua materna e, por isso, não conhece de forma satisfatória suas regras. Nesse caso, o índio representa alguém excluída da comunidade de fala da língua oficial, mesma posição dedicada a quem também usa essa forma.

Nesse caso, então, a maioria da população pode ser considerada como indígena e vive à margem do grupo de usuários da língua portuguesa, uma vez que

é muito mais comum ouvir as pessoas falando “para mim fazer” do que “para eu fazer”. Nesse caso, o que vemos são marcas de um sujeito preconceituoso e debochado, desejando “felicidade” a quem fala de uma forma que ele considera errada. Como já se viu, o conceito de erro não se aplica à fala, o que mostra, novamente, um sujeito que não domina o conhecimento sobre linguagem.

Post 18:

LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 27 de janeiro de 2012

E a culpa é do teclado. Vou fingir que eu acredito.

Curtir · Comentar · Compartilhar

19 pessoas curtiram isso.
93 compartilhamentos

Claudia Fassh E as vzs,no meu caso é. Teclado americano dá nisso.rs
27 de janeiro de 2012 às 20:12 · Curtir · 1

LÍNGUA PORTUGUESA Em vc eu acredito! 😊
27 de janeiro de 2012 às 23:40 · Curtir

Cristina Lara Schulze ..o meu teclado é alemão.
17 de março de 2012 às 14:33 · Curtir

Alessandra Monteiro Não filote....o problema é mesmo de BIOS « Baixa de ignorante Operando o Sistema
1 de maio de 2012 às 19:56 · Curtir · 1

Juliana Carvalho o meu teclado antigo tb era estadunidense... dava pra por acentos, mas era difícil!
29 de julho de 2012 às 03:48 · Curtir

Aline Carneiro haaa isso é ótimo ..

Escreva um comentário...

Neste post a imagem é extremamente significativa: a foto de um animal, um burro, especificamente. O burro se configura em nossa sociedade como um animal servil e, por isso, representa uma pessoa sem discernimento, que faz as coisas sem pensar. Todos sabem que, para ofender uma pessoa, dizendo que esta não é inteligente, basta chamá-la de “burra”. Houve um tempo em que, na escola colocava-se um chapéu de burro (com orelhas como as do animal) nos alunos que

não conseguiam aprender algo, errando exercícios ou tirando nota baixa em avaliações.

Já na linguagem verbal, a primeira parte analisada é o enunciado “Meu teclado é burro, não tem acento nem cedilha. Por isso escrevo errado, tá?” A veiculação debochada indica preconceito, ironizando quem escreve cometendo “erros” e colocando a culpa no teclado. Veja-se a noção de que se espera que quem erra deva se desculpar, mas dar essa desculpa não é aceitável, uma vez que é usada para encobrir a falta de conhecimento. Significativo, nesse caso, é o uso do “tá?” reforçando a ideia da permissão, como dirigida a alguém que pode aceitar (e desculpar) ou não o erro. No entanto, o que se vê, pela união do verbal e do não-verbal é que isso é entendido como uma justificativa falsa de alguém que não domina as regras da língua.

Tal afirmação pode ser confirmada pela colocação do sujeito “A culpa é do teclado, vou fingir que acredito”. Neste caso, o sujeito ironiza que as pessoas escrevem de forma “errada” e que se justificam dessa forma para que isso não “pegue tão mal” ou “fique menos feio”.

O uso do verbo fingir demonstra o lugar superior em que se coloca o sujeito, dando a ideia de que ele está fazendo um favor de fingir que o “erro” não é da pessoa.

Post 19:

LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 9 de janeiro de 2012

É pra rir ou pra chorar?

Curtir · Comentar · Compartilhar

80 pessoas curtiram isso.
604 compartilhamentos

Célia Musili rsss...
13 de janeiro de 2012 às 11:22 · Curtir

Luiz Carlos Lorenzetti A melhor afi é o 'saneamento dos pobres', que pode ser interpretado de duas maneiras: deixar os pobres sob os cuidados do Sarney ou peitificá-los com sarna...
13 de janeiro de 2012 às 11:29 · Curtir · 45 10

Ana Alice corumba, ideade momentane a e futura ta bom demais viu..kk
9 de fevereiro de 2012 às 15:59 · Curtir

Diogenes Baracho Me dá pena
10 de fevereiro de 2012 às 08:29 · Curtir

Thaís Pires gostei do nervo ótico!!!!rss
22 de março de 2012 às 17:50 · Curtir · 45 1

Luan Araújo meu Deus Profºa,pois é acho errado as faculdades estarem aprovando pessoas com este

Escreva um comentário...

O post acima, no primeiro momento, já veicula preconceito com o enunciado “pérolas do Enem”. “A colocação pérola, como figura de linguagem, que dá a ideia de “melhores de todos”, expondo, no entanto, os enunciados considerados absurdos copiados de provas do Enem. Novamente, há um sujeito que se coloca em uma posição de quem pode julgar o uso da língua por outras pessoas, definindo os melhores enunciados de todos, usando de ironia e deboche.

Já o enunciado “É pra rir ou pra chorar?”, resultado da enunciação do sujeito dessa comunidade (destacado em vermelho por nós) deixa espaço para a interpretação das duas formas verbais. Primeiramente, analisando a palavra “rir”, comprehende-se que, ao usar esse verbo, esse sujeito se mostra como alguém que pensa que os enunciados apresentados são motivo de graça, servem para divertir aqueles que não os escreveria. Isso o coloca (e, consequentemente, seus leitores e seguidores) em uma posição superior, pois ele pode rir de quem faz isso. Novamente se questiona – de que posição ele enuncia? Se ele tem uma comunidade voltada para divulgar regras, que supostamente objetiva ajudar as pessoas a escrever, caberia rir dos erros, destacando-os?

Em segundo lugar, o caso de “é pra chorar?”, o sujeito mostra que se sente triste/desanimado/desiludido com o modo como as pessoas escrevem, colocando-se como um “ditador do bem escrever”, inconformado com o modo como as pessoas se expressam, mostrando sua intolerância e, também, seu preconceito, uma vez que tais enunciados, para ele, provavelmente são escritos por aqueles que ele considera ignorantes. Nesse sentido, não há o que fazer, a não ser chorar de tristeza pelo que se está escrevendo.

Obviamente o que está sendo julgado aqui são as pessoas e não a língua, especialmente aquelas que não têm “boas ideias”, não estudaram o suficiente, não são consideradas como fazendo parte de uma cultura letrada superior, que julga tais enunciados como absurdos, como se eles resultassem de sujeitos individuais e não de um problema estrutural de formação nesse país, especialmente se considerados ao acesso a boas escola e bens culturais de prestígio pelas camadas mais desfavorecidas da sociedade. Não caberia, portanto, a alguém que tem uma comunidade voltada para pessoas de todas as classes (como é o *facebook*) debochar e desmerecer aquilo que as pessoas escrevem, desconsiderando essa realidade.

Post 20:



Neste post, apresenta-se uma notícia com uma característica, o pleonasmo, uma figura de linguagem, presente na relação “sobreviveu” e “está viva” na mesma frase. É claro que essa frase aparece como errada para a maioria dos usuários da língua, especialmente para aqueles que falam e escrevem a norma culta. Para muitos outros, no entanto, isso sequer seria notado.

Logo abaixo, encontram-se alguns deslizes, um deles provavelmente cometido no momento da digitação: “devido um erro de apuração”, mas que, mesmo assim, não é perdoado nessa comunidade como já se viu. Também se lê “a reportagem sucumbiu ao erro”, em uma imprecisão vocabular no uso do verbo sucumbar. Logo, do ponto de vista da norma a ser utilizada na escrita, seja ela padrão ou culta, essa manchete de fato apresenta problemas.

Mas isso não explica o enunciado destacado: “Não sei o que é pior; a notícia em si ou os erros de português?”. Como já se apontou, há problemas na manchete (chamada notícia no post), mas eles não impedem a compreensão da informação que se quer passar, mesmo porque ela não possui maiores problemas, visto que a grafia das palavras está correta e os períodos não estão truncados.

A partir do que o sujeito enuncia, percebe-se que ele sustenta a ideia de que a construção da notícia é caótica, expressa no uso do adjetivo “pior” em relação aos erros de português. Mas não são tantos erros; logo, eles não poderiam caracterizar essa como a “pior notícia”, essa parte sim, incompreensível.

Não se entende por que o sujeito coloca não saber o que pior, a notícia ou os erros. Julgar a escrita que não está no padrão, expondo formas de uso da língua que não estão conforme as regras gramaticais, já se viu, é uma prática dessa comunidade. Mas o sujeito ultrapassa esse julgamento, posicionando-se frente à “notícia”. Nesse caso, pode-se pensar que ele acha tão ruim o fato de a grávida ter sobrevivido ou o jornal se retratado quanto os erros cometidos na escrita.

Essa, porém, não parece ser a intenção do sujeito com o enunciado. Mais coerente seria concluir que ele está julgando igualmente ruim a estrutura do enunciado e os erros de português que ali aparecem. Se esse é o caso, o sujeito produziu um enunciado com mais problemas do que aquele que critica, pois o dele é menos claro e prejudica a compreensão do que ele quer dizer.

6 Conclusão

A teoria da enunciação procura estudar o sujeito na língua, considerando aquele que enuncia o principal foco, analisando as marcas da enunciação que ele deixa no enunciado. Isso porque, como aponta Benveniste, é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.

A enunciação é, portanto, o processo por meio do qual o sistema linguístico é colocado em uso, ou seja, é simplesmente o ato de produzir um enunciado. Já o enunciado é o resultado desse processo, momento em que o indivíduo se manifesta por um texto, e é a partir da enunciação que se pode ter a noção de sentido.

Então, o modo como o sujeito se coloca, como ele manifesta suas ideias e intenções, é interpretado por meio daquilo que ele enuncia, fazendo com que seja no enunciado que se podem encontrar as marcas desse sujeito, do que ele pensa e quem ele é.

Por meio da enunciação, foi possível observar as marcas que o sujeito deixa nos *posts* avaliados, permitindo assim que fosse feita uma análise da visão dessa comunidade sobre a língua portuguesa.

A partir da análise feita nos *posts* selecionados, foi possível perceber duas características diferentes. Por um lado, pode-se dizer que o sujeito teria uma “boa intenção” com o seu trabalho, utilizando-se de uma rede social bastante acessada por todas as classes de pessoas para divulgar e auxiliar a utilização da língua portuguesa. Porém, por outro lado, foi possível também notar que há preconceito e intolerância em relação a não utilização da norma culta e/ou norma padrão da língua, além de imprecisões sobre conceitos linguísticos.

Alguns dos *posts* são bem evidentes quanto à contrariedade da página em relação aos “erros” que são comumente “cometidos” pelos usuários da língua portuguesa. Assim, além de preconceito, intolerância e imprecisão com relação aos “erros” alheios, o sujeito (e, por consequência, a página) demonstra ironia e deboche, utilizando adjetivos que não seriam adequados a alguém que defende a língua.

Ademais, foi possível verificar que o sujeito em questão não tem domínio científico do que é norma coloquial, norma culta e norma padrão. Em um dos *posts* é clara a confusão feita entre norma culta e coloquial. Quando se limita a reproduzir conteúdos gramaticais sem comentários, não há problema, mas quando ele faz observações fica claro a sua falta de preparo para tratar de questões de língua.

Em alguns *posts*, notou-se como a página se mostra incomodada com a utilização que julga equivocada da língua, fazendo parecer que cometer “erros” em relação à linguagem, sendo ela na modalidade falada ou escrita, é inaceitável. Ainda, em muitos momentos, em muitos *posts*, coloca-se em uma posição de julgar o que é aceitável ou não, demonstrando, assim, uma postura radical e dura em relação às utilizações equivocadas da língua, que, se podem ser adotados por um falante leigo, não é aceitável em quem deveria ter um conhecimento além do senso comum.

A internet e o *facebook*, principalmente, são bastante utilizados por pessoas de todas as classes sociais. Sendo assim essa comunidade atinge usuários que fazem parte tanto das camadas mais privilegiadas quanto daquelas que se encontram nas esferas sociais mais baixas. Assim, se a página é destinada a todos os públicos, como o sujeito apresenta-se tão intolerante quanto aos “erros” cometido

pelas pessoas. Se esta é uma página apenas com intuito de divulgação, não cabe a ele, sujeito, julgar ou ironizar quem escreve ou fala diferente, mostrando uma desconsideração total quanto à questão das variedades linguísticas.

Constatou-se, também, que a página tem um grande número de seguidores, e os posts, além de bastantes curtidos, são também muito compartilhados, amparando assim a ideia de que muitas pessoas concordam e compartilham das mesmas noções do sujeito aqui analisado. Portanto, é sustentada aqui a opinião que, não só este sujeito em questão é defensor dessas idéias, mas que ele representa um grupo de sujeitos que partilham dessas mesmas convicções. Ou seja, a subjetividade, por mais que se expresse na enunciação de um “eu”, sempre se instaura a partir de um “tu”. Por isso, não há sujeito uno, mas um sujeito que é constituído em uma relação intersubjetiva. Se ele escreve é porque existe quem o leia, quem com ele interaja, para quem ele enuncia, quem o “curte”, quem espera dele essas colocações e, em última instância, o define.

Referências

- BAGNO,M.,GAGNÉ,G.,STUBBS,M. *Língua materna: letramento, variação e ensino.* São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO,M.A *norma culta:língua e poder na sociedade brasileira.* São Paulo: Parábola, 2003.
- BENVENISTE,E.*Problemas de linguística geral II.*Campinas: Pontes, 1989.
- _____.*Problemas de linguística geral I.* 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz.* 54. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- FARACO,C. A. Norma culta brasileira: desembaraçando alguns nós.In:BAGNO,M.(org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. Norma culta brasileira: desembaraçando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- FIORIN,J.L.Comunicação e análise do discurso. .In: FIGARO. R.Organização *linguística do discurso.*São Paulo: Contexto, 2012.
- FLORES, V. do N.,TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação.* São Paulo: Contexto, 2008.
- FREITAS, M. T. de A. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In: FREITAS, M.T de A., COSTA, S. R. (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola.* 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LEITE,M.Q.*Preconceito e intolerância na linguagem.*São Paulo: Contexto, 2008.
- SAFARTI,G.É.*Princípios da análise do discurso.*São Paulo: Ática,2010.

VIEIRA, I. L. *apud* MARCUSCHI (2002). Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: ARAÚJO, J.C., RODRIGUES, B.B. (orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Anexos

Anexo A – Post 01

The screenshot shows a post about the 'regra do vai e volta' (rule of going and coming). The main text reads:

**REGRA DO
vai & volta**

Se eu vou **a e volto **da**,
crase há.
Se eu vou **a** e volto **de**,
crase pra quê?**

EXEMPLOS:
EUVOU À BAHIA
COM CRASE POIS, EU VOU À BAHIA E VOLTO DA BAHIA.
EUVOU A SALVADOR
SEM CRASE POIS, EU VOU A SALVADOR E VOLTO DE SALVADOR.

POR PORTUGUESPAPASSAR.COM.BR

LÍNGUA PORTUGUESA
Curta · 27 de novembro de 2013 · Editado 19

Curta Português Pra Passar
Sabemos que se usa a crase diante de substantivos femininos, uma vez que esses pedirão o artigo feminino "a", mas como saber se os topônimos (substantivos próprios que nomeiam lugares) pedem ou não artigo? Para isso usamos o seguinte artifício: "Quando venho, venho da, quando vou craseio o "a". Quando venho, venho de, quando vou crase pra quê?"

Curtir · Comentar · Compartilhar
2.957 pessoas curtiram isso.
4.499 compartilhamentos
Visualizar comentários anteriores 5 de 144

Marilyse Silva Muito bom, gostei da regra, se tiver outra pode postar q eu vou curtir... 30 de novembro de 2013 às 16:22 via celular · Curtir

Pan Dorah O substantivo próprio "Salvador" não pede crase. Seria do gênero neutro, existente no Latim, mas que o Português não herdou. B.) 30 de novembro de 2013 às 21:33 via celular · Curtir

Pan Dorah Mais uma colisinha: os substantivos próprios femininos que são nomes de pessoas não necessariamente precisam vir acompanhados pela crase... é opcional. 30 de novembro de 2013 às 21:37 via celular · Curtir

Anexo B – Post 02

Segue ANEXO ou ANEXA?

O TERMO 'ANEXO' É UM ADJETIVO.
DEVE CONCORDAR EM GÊNERO E NÚMERO COM O SUBSTANTIVO A QUE SE REFERE.

SEGUE ANEXO O CONVITE;
SEGUE ANEXA A PROPOSTA;

SEGUIMOS ANEXOS OS CONVITES;
SEGUIMOS ANEXAS AS PROPOSTAS;

PORTUGUESPAPASSAR.COM.BR

LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 26 de novembro de 2013 · 4

Curta Português Pra Passar, uma empresa do Grupo Concurso Virtual

Curtir · Comentar · Compartilhar

2.088 pessoas curtiram isso.

2.516 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores 5 de 71

Cássia Melo Tereza, o correto é: proibida a entrada , caso não haja o 'a' como : Entrada proibido , será no masculino e Vitor, vermelho é adjetivo então será variável o que fica Invariável é substantivo na função de cor . Exemplo: calças vinho

27 de novembro de 2013 às 16:36 · Curtir

José Silva Pode ser "em anexo", assim será invariável, pois nesse caso "anexo" se refere a documento.

27 de novembro de 2013 às 17:13 · Curtir · 3

Adriana Gujari Aprendi em uma aula de Português que, Anexo é palavra derivada do latim e significa "junto com", logo quem escrever "segue em anexo", estará na verdade escrevendo: segue em junto com; portanto prefira apenas anexo (a)

27 de novembro de 2013 às 20:33 · Curtir · 1

Milena Lourenço Al meninas mais uma indicação
Conceição Silva Oliveira e Flávia Souto José Vieira.

27 de novembro de 2013 às 22:13 · Curtir

Anexo C – Post 03



ONDE X ONDE

Aonde:
emprego da preposição “a” apontando para a ideia de movimento do verbo.

Aonde você vai?
(A que lugar você vai?)

Onde:
ideia do local da ação, estando implícito a preposição “em”.

Onde você está?
(Em que lugar você está?)

PORTUGUÊS PRA PASSAR
portuguesprapassar.com.br

 LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 30 de outubro de 2013

Curta Português Pra Passar
www.concursovirtual.com.br

Curtir · Comentar · Compartilhar

4.211 pessoas curtiram isso.
5.931 compartilhamentos
Visualizar comentários anteriores 4 de 88

 **Amauri Francisco de Souza** Hoje, as escolas estão mais preocupadas em ensinar o inglês, ao invés do português!
1 de novembro de 2013 às 12:48 · Curtir · 432

 **Amauri Francisco de Souza** onde se empregar; porque, por que, porquê ??????
1 de novembro de 2013 às 12:49 · Curtir

 **Flaviane Passos** gostaria de sugerir... história e estória!
1 de novembro de 2013 às 15:37 via celular · Curtir · 3

 **Sandra Lia Corvelho** Porque junto: nas respostas. Por que separado: nas perguntas. Porquê com acento: VOCÊ SABE O PORQUÊ DA VIDA? Amauri Francisco de Souza.

 Escreva um comentário...

Anexo D - Post 04

LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 16 de março

Muitos erram a grafia desta palavra. Vale divulgar!

Curtir · Comentar · Compartilhar

3.018 pessoas curtiram isso.

2.269 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores 6 de 105

Regina Oliveira Tu escreve ecelente Hugo Bezerra Mendes é impossível não lembrar e deixar o bullying passar em branco 😊
21 de março às 00:36 · Curtir · 2

Douglas Rosa http://1176.photobucket.com/.../w173/benderillo/mr-burns.jpg
21 de março às 10:48 · Curtir · 1

Erlí Francisco excelente mesmo , mas , ainda tem pessoas que insiste em escrever de forma incorreta .
22 de março às 22:55 · Curtir · 2

Maria Izabel Gomes Dias Muitos! Aff
28 de março às 18:53 · Curtir · 1

Lucas Santos Excelente !
30 de março às 05:55 · Curtir · 1

Escreva um comentário...

Anexo E – Post 05



A screenshot of a Facebook post from the page "Língua Portuguesa". The post features a black background with white text arranged in a grid:

por	isso
de	repente
com	certeza

The text "língua Portuguesa - Facebook" is written diagonally across the center of the grid.

LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 22 de março

Por isso, de repente e com certeza: palavras que são escritas sempre separadas. Vamos divulgar?

Curtir · Comentar · Compartilhar

6.112 pessoas curtiram isso.
9.062 compartilhamentos
Visualizar comentários anteriores 5 de 174

Celia Firmo YES!!!!!!!!!!!! Notem e anotem no caderno.)))
25 de março às 00:33 · Curtir · 45 1

Fernandabertazzo de Freitas Vamos divulgar: Onde está o sujeito da frase: "Eu preciso trabalhar"? Em casa, dormindo ou postando besteiras no Facebook. Vai trabalhar Victor
26 de março às 19:52 via celular · Curtir · 45 1

Primo Euclides Moretti Muito importante
27 de março às 14:14 · Curtir · 45 1

Victor Decresci Dá mais ralva que usa 'Mas' pra falar 'Mas'
11 de abril às 17:56 · Curtir

Eudes Farenbach Essas palavras são utilizadas repetidas vezes unidas... Excelente oportunidade para muitos acertarem a partir de agora!
26 de abril às 03:28 · Curtir

Escreva um comentário...

Anexo F - Post 06

Por que / Por quê / Porque / Porquê

Língua Portuguesa - Facebook

1. Você está assim feliz, _____?
 2. Não sei o _____ do teu entusiasmo.
 3. Sou feliz, _____ tenho saúde.
 4. Eu quero saber _____ você fez isso.
 5. Afinal chegou o dia _____ tanto esperei.
 6. _____ ele não fala mais alto?
 7. Ainda hoje se indaga _____ o homem é tão egoísta.
 8. Continuamos a desrespeitar as leis, _____?
 9. Ele foi demitido, _____ chegou atrasado várias vezes.
 10. Quero entender o _____ da sua tristeza.

1. por quê / 2. porquê / 3. porque / 4. por que / 5. por que
 6. Por que / 7. por que / 8. por quê / 9. porque / 10. porquê

LÍNGUA PORTUGUESA
 Curtiu · 13 de setembro de 2012

Curtir · Comentar · Compartilhar

3.694 pessoas curtiram isso.
 10.941 compartilhamentos
 Visualizar comentários anteriores 6 de 352

Marissa Geraldo ser why u arase ur pic in facebook u angry 2 mi sorry 4 any problem about mi its ok thanx 4 friends thank u all bye ser and good luck and god bless u al
 23 de novembro de 2012 às 04:33 · Curtir

Marissa Geraldo hiiiiii friend
 23 de novembro de 2012 às 09:46 · Curtir

Robert Valentin Lyrio Lyrio Peço para nos presentear com os ESSE, ESTE; NESSE, NESTE, E POR AÍ VAI! oBRIGADO.
 26 de novembro de 2012 às 22:01 · Curtir

Iraílson Tavares lembrando das regras
 8 de janeiro de 2013 às 15:05 · Curtir

Lucas Penha Murilo Diniz
 26 de fevereiro de 2013 às 22:09 · Curtir

Regina Schmidt Rodrigo, Jessica
 18 de abril de 2013 às 00:33 via celular · Curtir

Escreva um comentário...

Anexo G - Post 07



LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 11 de outubro de 2011

NOVAS REGRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Curtir · Comentar · Compartilhar

444 pessoas curtiram isso.

2.215 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores 4 de 55

Ronaldo Maurer Valeu, Clara! Obrigado pelo "bra dívidas"...

5 de julho às 12:25 · Curtir

Edna Silva Era issi q eu tava afim de ler!!!OBG!!

19 de julho às 00:44 · Curtir

João Gabriel Figueiredo Top

24 de outubro às 23:38 · Curtir · 10

Irene Heilborn Que legal!

1 de novembro às 01:48 · Curtir

Escreva um comentário...

Acento circunflexo

Os hiatos 'oo' e 'ee' não recebem mais acento:
abêncio → iem
perêto → veen
magô → deem
erçô → cream

Atenção: Continuem acentuados (ele) vâ, (ele) vêm [verbo vir], (ele) tem etc.

Hífen

O hífen é empregado:
1. Se o segundo elemento começa por 'h':
anti-hérói geo-história
macro-história giga-hertz
mini-hotel bio-histórico
super-homem super-herói

2. Para separar vogais ou consonantes iguais:
anti-imperialista inter-racial
anti-inflamatório micro-orden
contra-atacar micro-érbulas
entre-eles mega-apagão
hiper-real sub-telúricano
infra-velar sub-base

Atenção: Esta regra não se aplica às palavras em que se unem um prefixo terminado em vogal e uma palavra começada por 'Y' ou 'S'. Quando isso acontece, desfra-se o 'T' ou 'S': microscópia (micro + scopio), contraneutra, rotulária, ultrassom, intrarregional

Acento diferencial de tonicidade

Não se acentuam mais certos substantivos e formas verbais para distinguir os grafemas de outros palavras

Vou para casa. (pronome) Ela não para de chorar. (verbos)
Vou pelo morro pela estrada. (comprido de pronome + adjetivo) O pelo do gato. (substantivo)
Eu peloiei pela a coberta. (verbos)

Atenção: Esta regra aplica-se também às palavras compostas: para-brisa, para-árvore.

Para evitar confusões, foram mantidas as contas do verbo **pará** e da forma do pretérito perfeito **pará-te**. O acento da **forma** (distínto da **forma**) é facultativo.

Ditongos aberdos

Os ditongos 'ô', 'ôô' e 'ôu' só continuam a ser acentuados no final da palavra:
platônia → bola
idônia → paranoico
topônia → heróico

Mas côn, ôdi, chapô, anôis, lenôis não mudam

Atenção: O acento será mantido em **destrôlar** e **Méier**, conforme a regra que manda acentuar os ditongos terminados em 'Y'.

3. Prefixos 'pan' ou 'circum', seguidos de palavras que começam por vogal, 'Y', 'm' ou 'n'

pan-americano	pan-regulador
pan-helêntimo	pan-hispânico
circum-navegação	circum-mundiano

4. Com 'pôs', 'pri' 'pré'

pôs-graduado	pôs-audiúncia
pré-operatório	pré-datado
pré-reitor	pré-escolar

Foto: José Cícero da Fonseca, professor adjunto de Linguística da UFGM (Universidade Federal de Goiás). Autor do blogue [Língua Portuguesa](#) e autor de [Língua Portuguesa: a essência da língua portuguesa](#).

Patrocinado

Poderosas Ilimitadas

Acesse o aplicativo Poderosas Ilimitadas de Liberty e concorra a uma viagem para Roma.

Anexo H – Post 08

Tipos de Predicado

Cuidado com algumas pegadinhas!

A aluna apareceu. Pred. Verbal

A aluna pareceu cansada. Pred. Nominal

A aluna apareceu cansada Pred. Verbo-Nominal

Língua Portuguesa - Facebook

LÍNGUA PORTUGUESA
Curta · 21 de junho de 2013

Tipos de Predicado - Cuidado com algumas pegadinhas!

A aluna apareceu. Pred. Verbal
A aluna pareceu cansada. Pred. Nominal
A aluna apareceu cansada Pred. Verbo-Nominal

Curta · Comentar · Compartilhar

950 pessoas curtiram isso.
971 compartilhamentos
Ver mais 37 comentários

Isolda Mécia Neves Pereira Gostoso é voltar a ver estas aulas e confirmar que realmente foram aprendidas pra valer... Isto vale muito pra mim! 23 de junho de 2013 às 01:27 · Curtir · 2

Nessa Rocha que bom que eu entrei nessa pagina ja estava abandonando facebook mas por aqui vou ficar um pouco mais pra aprender , de predicado eu sei aquelas frases simples. obrigada tambem tenho duvida em coisas simples porque estou fora do brasil ha muitos anos por exemplo : pra e para isso e correto? pode-se usar os dois ? 25 de junho de 2013 às 07:03 · Curtir

Matheus Pereira Arbei muito legal não iaiaia

Escreva um comentário...

Anexo I - Post 09



LÍNGUA PORTUGUESA
Curtiu · 30 de abril de 2013

Vamos espalhar esta explicação!

Mas x Mais

Mas - Conjunção Coordenativa Adversativa (= porém)
 Mais - Advérbio de Intensidade (opõe-se a "menos")

Alguns exemplos:

Esforcei-me bastante, mas não obtive o resultado necessário.

Ele escolheu a camiseta mais cara da loja.

[Fotos da Linha do tempo](#) | [Opções](#) | [Compartilhar](#) | [Enviar](#) | [Curtir](#)

Vamos espalhar esta explicação!

Mas x Mais

Mas - Conjunção Coordenativa Adversativa (= porém)
 Mais - Advérbio de Intensidade (opõe-se a "menos")

Alguns exemplos:

Esforcei-me bastante, mas (porém) não obtive bom resultado.
 Ele escolheu a camiseta mais (menos) cara da loja.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 4.281 pessoas curtiram isso.

 9.214 compartilhamentos

 Visualizar comentários anteriores 3 de 183

 **Jaquelisson Gomes** agora ninguem erra mas ou mais tanto faz tdo mundo errA
 19 de maio de 2013 às 20:21 · Curtir

 **Natalie Soter** Muito bom! Serve pra todos! Leiam todos!
 6 de agosto de 2013 às 01:11 · Curtir

 Escreva um comentário...

Anexo J - Post 10

Qual é a forma correta?

1. previlégio – privilégio
2. empecilho – impecilho
3. Pirineus – Perineus
4. irriquieto – irrequieto
5. bugiganga – bugginganga
6. cabeleireiro – cabelereiro
7. freada – freiada
8. ruim - ruím
9. alejado – aleijado
10. desinteria – disenteria
11. gorjeta - gorgeta
12. basculante – vasculante
13. xipófago – xifópago
14. companhia – compania
15. excelente – exelente
16. mortadela – mortandela
17. simplismente – simplesmente
18. ancioso – Ansioso
19. ultraje – ultrage
20. Assessor - Acessor

LÍNGUA PORTUGUESA
Curitiba • 12 de janeiro 18

Qual é a forma correta? Clique em VER MAIS para saber a resposta.

Respostas:

1. privilégio
2. empecilho
3. Pirneus
4. irrequieto
5. bugiganga
6. cabelereiro
7. freada
8. ruim
9. aleijado
10. desinteria
11. gorgeta
12. vasculante
13. xifópago
14. companhia
15. excelente
16. mortadela
17. simplesmente
18. Ansioso
19. ultrage
20. Acessor

Escreva um comentário...